PESQUISA DE RECEPÇÃO E HISTÓRIA ORAL: CONFLUÊNCIAS METODOLÓGICAS PARA COLETAR E TRADUZIR NARRATIVAS COMUNICACIONAIS INDÍGENAS

GT7: Estudos de Recepção

Carmem Rejane Antunes Pereira[1]
Universidade Federal de Santa Catarina
Grupo de Pesquisa NAVI /UFSC/CNPq
carmem.pereirasm@gmail.com

Resumo

O artigo oferece alguns apontamentos sobre o uso da história oral na pesquisa de recepção. Os apontamentos são oriundos da nossa pesquisa de doutorado, a qual focalizou as configurações da identidade cultural no bojo dos processos comunicacionais contextualizados pela etnia Kaingang no Sul do Brasil. A investigação tem por base contribuições teórico-metodológicas do campo da comunicação, especialmente aquelas vinculadas à pesquisa de recepção em perspectiva histórica para compreender a inserção das mídias na experiência cultural dos sujeitos. No âmbito desse trabalho realizou-se atualização de alguns dados contextuais e um recorte de maneira a evidenciar aspectos da construção metodológica voltada a coletar depoimentos, identificar as mediações/matrizes que configuram os relatos de vida comunicacional e traduzir os modos de ver de interlocutores indígenas.

[1]Pós-Doutoranda no PPGICH-UFSC/Brasil, pesquisadora do Grupo NAVI/UFSC e integrante do Grupo Processocom/Unisinos e Red AMLAT.e-mail: carmem.pereirasm@gmail.com

O artigo oferece alguns apontamentos sobre o uso da história oral na pesquisa de recepção. Os apontamentos são oriundos da nossa pesquisa de doutorado, a qual focalizou as configurações da identidade cultural, memória e mídiano bojo dos processos comunicacionais contextualizados pela etnia Kaingang no Sul do Brasil. A investigação tem por base contribuições teórico-metodológicas do campo da comunicação, especialmente aquelas vinculadas à pesquisa de recepção em perspectiva histórica para compreender a inserção das mídias na experiência cultural dos sujeitos. No âmbito desse trabalho realizou-se atualização de alguns dados contextuais e um recorte de maneira a evidenciar aspectos da construção metodológica voltada a coletar depoimentos, identificar as mediações/matrizes que configuram os relatos de vida comunicacional e traduzir os modos de ver de interlocutores indígenas.

Para essa elaboração metodológica utilizou-se aportes da história oral (Thompson, 1992; Pollack, 1992; Brand, 2000) os quais se vinculam como áreas afins à problemática que aborda a identidade cultural enquanto construção marcada por processos de mestiçagens, fronteiras, mas também situado pelas relações de poder (García-Canclini, 1998; Barth, 1998; Castells, 2002).

As narrativas são compreendidas na sua emergência e em suas configurações, permitindo pensar ahistoricidade dos públicos e a sua especificidade nas relações hegemônicas que definem a comunicação como relações de dominação e de resistência desde dentro da cultura.

Ao consideramos a emergência das narrativas levamos em conta a noção de lugar como significações produzidas no tempo das ações humanas, oferecida por Santos (2004)[2], e a noção de táticas oferecida por Certeau (2004) para pensar as

[2]Essas significações podem ser entendidas como traduções da heterogeneidade cultural em contraponto a ideia de um tempo social absoluto. Numa etapa em que o espaço reticular se hegemoniza como sistema técnico-científico-

apropriações do espaço como jogos de força que desvelam as práticas em suas astúcias milenares. As práticas apontam para as relações de consumo dos produtos midiáticos, indicando padronizações, negociações e rejeições, para aquilo que é constituído como *habitus*[3], mas também para aquilo que se caracteriza como não-reprodutivo (Maldonado, 2000).

Em ampla escala, a emergência das narrativas requer avaliar a expansão dos meios de comunicação na sociedade contemporânea, os quais, potencializados por tecnologias eletrônicas e informáticas, fortalecem um mercado de bens culturais e por meio da midiatização, seus símbolos e significados povoam a sociedade pelos quais uns e outros se situam no mundo, ou pensam, imaginam, sentem e agem (Ianni, 2003).

Dessa forma, a recepção é um campo fecundo para investigar as heterogeneidades produzidas na conformação de uma cultura midiática (Mata, 1999)[4], considerando a reflexão sobre as mesclas de matrizes culturais e históricas, desde a inserção das mídias na vida social dos desiguais e diferentes grupos humanos.

Essa inserção remete aos intercâmbios constituintes das dinâmicas de transformação cultural (Williams, 1979), possibilitando refletir as matrizes culturais no conjunto de mediações socioculturais que estruturam a pluralidade do uso dos meios no cotidiano (Martín-Barbero, 2003), assim como para referir as problemáticas da comunicação desde a construção histórica da diversidade cultural (Mattelart e Neveu, 2006).

---

informacional, o tempo das ações humanas implica pensar não só em tempos longos e curtos como também em velozes lentos, sempre apreendidos em relação (Milton Santos, 2004).

[3] Conceito apresentado por Bourdieu (2004) para se referir aos esquemas mentais que orientam a percepção, ação e classificações realizadas pelos sujeitos, nos processos de interação social.

[4] A noção de cultura midiática (Mata, 1999) implica pensar a inserção das mídias na vida social como uma matriz, uma racionalidade organizadora das práticas e do sentido nas sociedades contemporâneas.

Contribuições da história oral para a construção metodológica

A história oral vem sendo utilizada desde a primeira metade do século XX nos Estados Unidos, de onde se expandiu para vários países, entre eles, a Inglaterra, onde permitiu uma renovação da história social e da história operária, e a França, onde enfatizou os confrontos da memória com a história oficial. Nesse contexto de afirmação, a história oral privilegia a análise de grupos minoritários, marginalizados, buscando uma memória mais democrática do passado, através de novas e outras fontes, tendo na entrevista uma estratégia e um procedimento fundamental para coletar de forma cooperativa a voz ou o testemunho de múltiplos e diferentes narradores (Thompson, 1992).

Nas últimas décadas, os usos da história oral se diversificaram muito, bem como as discussões da sua estatura como campo ou metodologia; de certa forma, confluindo para os desafios da história do tempo presente, nos quais as questões da memória coletiva e das representações das camadas populares são preocupações de pesquisas que procuram realizar uma discussão mais refinada dos usos do passado (Ferreira, 1994).

Apesar das divergências a respeito da história oral, seja ela entendida como método, metodologia ou técnica, é indubitável a sua utilização junto aos segmentos populares para resgatar um nível de historicidade que na maioria das vezes era conhecida através de meios oficiais. Essa perspectiva da história oral, enfatizada por autores como Montenegro (1992) e Brand (2000), permite entender que os depoimentos orais, histórias de vida ou biografias são formas diferentes de um método/metodologia, que promove a dialogicidade e a abertura para pensar a problemática de maneira mais criativa e também mais adequada aos contextos marcados pela cultura oral.

A história oral, através de suas inúmeras variantes, questiona pressupostos que muitas vezes tendem a universalizar as experiências humanas e, ao mesmo tempo, utiliza ferramentas que dão acesso a lembranças, opiniões, cosmovisões, interpretações, que de outra maneira seriam irrecuperáveis. “Torna-se possível conhecer a própria visão que os segmentos populares têm das suas vidas e do mundo ao redor” (Montenegro, 1992, p. 16).

Isso não significa que a história oral seja compreendida como uma história alternativa; é antes um modo de fazer história social a partir do relato vivo no presente, sendo, por isso, igualmente importante situar o contexto onde ela é produzida. Também não exonera fontes documentais, pelo contrário, dependendo do fenômeno investigado, as fontes orais e documentais são complementares. Entenda-se por documentos, não apenas discursos formalizados em atas, relatórios, livros, mas todo o material como fotografias, reportagens impressas, programas radiofônicos, vídeos, sites, que constituem os registros construídos pelos meios de comunicação. No caso da pesquisa que dá origem a este trabalho, por exemplo, notícias/reportagens e relatos sediados em sites da Internet são considerados documentos relevantes para avançar na tessitura da problemática e da metodologia construída com objetivo de resgatar os registros dos lugares indígenas, considerando os diferentes suportes da memória coletiva.

História oral e pesquisa de recepção

No contexto desta pesquisa, os recursos da história oral são entendidos como uma necessidade criativa à investigação que, em síntese, faz a sua indagação norteadora a partir das relações que se estabelecem entre mundo indígena e mídias, procurando compreendê-las a partir das mediações socioculturais que constituem o sujeito da pesquisa. Tais recursos remetem a uma dimensão estratégica de aproximação, porém inspirados em uma epistemologia dialógica e

apoiados por uma perspectiva teórica enriquecida com o aporte de várias disciplinas, tais como antropologia, sociologia da memória, entre outras, dependendo das peculiaridades de cada pesquisa. O que significa construir uma ferramenta de diálogo para análise do passado recente, cujos resultados podem incluir a geração de fontes, denúncias, o fortalecimento da memória étnica, entre outras dimensões (Gatica, 2012).

Na especificidade da pesquisa, a metodologia foi sendo construída na medida em que é amadurecida a interlocução com os entrevistados, aprofundada a documentação do seu contexto histórico e a observação dos cenários dos lugares indígenas. O triplo movimento não acontece por acaso, mas pela natureza da pesquisa que prima pela seleção qualitativa dos entrevistados, considerando os enraizamentos de relatos produzidos pela habilidade narrativa dos indígenas.

Desse modo, acolhemos os recursos da história oral como metodologia, com o objetivo de coletar depoimentos orais referentes à trajetória dos interlocutores, no que diz respeito as suas vindas para a região metropolitana, as suas expectativas e às relações interculturais estabelecidas com os diversos lugares. Além disso, coletamos relatos referentes aos vínculos com os meios de comunicação num contexto marcado pelos fluxos migratórios, pela oralidade e pela organização sociopolítica diferenciada.

Para coletar esses relatos realizamos entrevistas com interlocutores Kaingang situados nos fluxos da região metropolitana de Porto Alegre. A coleta foi realizada ao longo da pesquisa de campo[5],onde efetuamos procedimentos de aproximação e contato com a rede étnica[6] e elaboramos uma entrevista[7] composta de três

[5] A pesquisa de campo inclui ainda a cidade de Santa Maria, mas no espaço deste trabalho nos referimos mais especificamente ao cenário de Porto Alegre.
[6] O termo rede étnica é elaborado nas apropriações dos aportes oferecidos pela antropologia (Geertz, 1978), em que o sentido é buscado não nas estruturas inconscientes dos indivíduos, mas naquilo que eles partilham

blocos de questões: aspectos sobre a vinda para Porto Alegre; representações sobre a cidade e o Rio Grande do Sul; mídias: acessos, preferências e relações interculturais.

A entrevista seguiu a linha semiestruturada que permite a coleta de depoimentos orais, considerando nas trajetórias de vida dos interlocutores, os inter-relacionamentos com as mídias, as "leituras" que realizam dos produtos midiáticos, e os vínculos com os meios, de modo a apreender uma experiência cultural que também fala das transformações e permanências das culturas de classe e étnicas na vida moderna (RONSINI, 2000).

Para apreender asmarcas da experiência cultural com os meios de comunicação, trabalhamos a metodologia de história de vida, mediante ajustamentos solicitados pela problemática da investigação. A sua utilização não tem por objetivo captar a história do indivíduo em sua totalidade, mas de captar aspectos marcantes e significativos dessas trajetórias que orientam para a compreensão dos usos e das apropriações das mídias e seus produtos.

Nesse sentido, vale registrar as reflexões de Bonin sobre a aplicação inventiva deste método aos requerimentos das problemáticas de cada campo, as quais podem ser sintetizadas pela ideia de Bastide de que "a técnica da história de vida deve se amoldar à própria natureza dos meios sociais estudados" (Bonin, 2008, p. 142). A fecundidade do método não é dada pela aplicação de regras, mas pela adequação às demandas do problema-objeto, o que leva a desencadear a reconstrução metodológica, como apropriação, desconstrução e formulação e situa a história de vida no campo da comunicação como método/técnica mestiça.

---

como membros de uma cultura. A cultura é um documento de atuação (um texto), tecido em vários lugares e por várias pessoas, e para traduzi-la é preciso antes de tudo, situar-se nela.

[7]A *entrevista com o sujeito intercultural* foi formulada ao longo da pesquisa exploratória e realizada entre agosto de 2008 e junho de 2009.

O contexto sociocultural das narrativas comunicacionais kaingang

Para compreender a emergência das narrativas identidárias é necessário situar os interlocutores, considerando os coletivos Kaingang que compõem assentamentos indígenas na Região Metropolitana de Porto Alegre[8]. Pesquisa realizada pelo Laboratório de Observação Social da UFRGS, em conjunto com a Fundação de Assistência Social e Cidadania da Prefeitura de Porto Alegre cadastrou 609 pessoas em dez assentamentos formados pelas etnias Kaingang, Guarani e Charrua (Silva, 2008). Os assentamentos perfazem a população indígena do sul do Brasil, que, a despeito dos processos de colonialismo e neocolonialismo enfrentados pelos povos ameríndios, é estimada em 32.989 pessoas, e na qual a etnia Kaingang aparece como a mais populosa (IBGE, 2012).

Além de apontar um crescimento da população indígena em Porto Alegre e regiões limítrofes, à época, a pesquisa FASC/UFRGS também indicou que a concentração da população - cerca de 70% - se encontra numa faixa etária entre sete e vinte e um anos, em todos os coletivos, enquanto os idosos representam 4,8% da população. O número reduzido indica, segundo a pesquisa, as difíceis condições de vida enfrentadas pela população indígena, especialmente no que diz respeito à saúde, a alimentação e a morosidade de projetos que possibilitem a construção de moradias.

Os Kaingang que vivem nas cidades enfrentam problemas comuns às maiorias pobres e aos povos indígenas que vivem em outras cidades, tais como conflitos pela posse da terra e ausência de políticas públicas no que se refere à habitação,

[8]Essa região é formada atualmente por 33 municípios e conta com uma população de mais de quatro milhões de habitantes, o que representa 37% da população do estado do Rio Grande do Sul. O município central temmais de um milhão e quatrocentos mil habitantes, conforme dados registrados pela contagem populacional do IBGE em 2010.

por exemplo. Além disso, integram uma população autodeclarada crescente e na sua especificidade enfrentam ainda discriminações culturais que configuram as relações interétnicas nas múltiplas relações que estabelecem com a sociedade regional.

A constante mobilidade kaingang, também refere à busca de material para confeccionar e comercializar o artesanato, para atendimento de saúde, para visitar os parentes, para estabelecer relações com órgãos do Estado ou ainda em função de dissidências internas, geradoras de exílio ou autoexílio. Ou seja, a mobilidade kaingang é configurada por uma rede de afetos, trocas comerciais, organização política e necessidades sociais e culturais que diz respeito a um modo de habitar assim traduzido pelo cacique da Aldeia Morro do Osso, Valdomiro Xe[9] Vergueiro: "Só que a gente assim, que nós indígena a gente não para sempre num lugar".

Esse modo de expressar a mobilidade evoca uma territorialidade refletida em experiências de ocupações do passado, atualizadas pela memória como sonhos ou como indicações xamânicas, orientando para a busca de lugares mais favoráveis para viver conforme um horizonte ecológico e cultural da terra, impregnado por uma vasta rede de relacionamentos sociais, políticos e econômicos. Constituir novas aldeias ou retomar antigos assentamentos é uma prática de territorialidade que se sustenta numa cosmologia própria.

A Aldeia Kaingang Morro do Osso, por exemplo, foi estabelecida em abril de 2004 e se encontra em situação de identificação[10]. Sua formação como comunidade

[9] Xe significa Quati e corresponde aos nomes tradicionais que vem sendo retomados pelos Kaingang no Sul do Brasil. Tais usos podem ser entendidos como fronteiras no sentido oferecido por Barth (1998), as quais são mobilizadas no processo de memória coletiva para fortalecer a identidade social. Falar e entender a língua kaingang são elementos de distinção para com os *fóg* e também nas relações intraculturais, em que a categoria nativa *kaingang-pé*[9] é construída, para salientar aquele ou aquela que fala a língua e mantém o "costume".

[10]Conforme Fuhr (2013), os relatórios de fundamentação já estão na Coordenação Geral de Identificação e Delimitação da FUNAI, em Brasília.

indígena tem vínculos diretos com a memória social, uma vez que seus moradores justificam este local como retomada de uma antiga aldeia, de um lugar de passagem e de abrigo dos seus antepassados.[11]Ao longo desses anos, essa presença é confrontada pela oposição constituída por órgãos como a Secretaria Municipal do meio Ambiente, moradores de alta renda que residem no Morro do Osso e suas associações, agentes de especulação imobiliária, mídia corporativa e mesmo ambientalistas de tendências preservacionistas.

Considerando as itinerâncias e as redes de pertencimento dos interlocutores pode se compreender uma vivência na e da cidade, onde os indígenas participam de arenas locais como sujeitos de direito e procuram a inserção no mundo *fóg*[12], sem, contudo, perder a sua especificidade étnica. A escola é vista como um lugar para conhecer e reforçar a manutenção da língua e das tradições e a educação como uma oportunidade para trabalhar pela melhoria das condições de vida dos seus parentes.

Situados no contexto urbano, grande parte dos grupos kaingang tem como atividade de sustento a confecção e venda de artesanato, como balaios e demais artefatos, feitos a base de cipó e taquara, coletadas em morros e áreas verdes que compõem a bacia do Guaíba. A atividade fortalece as redes de reciprocidade étnica sendo estratégia adotada pelos indígenas para manter seu vínculo, simbólico, econômico, ecológico e territorial com as florestas e campos (Freitas, 2006).

Esse processo, entretanto, nem sempre foi compreendido por outros artesãos e suas entidades, bem como, por uma parcela dos poderes públicos, que

[11] A aldeia está situada no Morro do Osso, zona sul de Porto Alegre, local onde se encontra um parque municipal instalado pela prefeitura em 1994, com 110 hectares. O morro está próximo às margens do rio Guaíba, atinge uma altitude de 143 metros e é reconhecido por ser espaço num tempo imemorial de um cemitério indígena.

[12]*Fóg* é o termo que os Kaingang utilizam para se referir ao branco, não-indígena.

obstaculizam o acesso dos indígenas à matéria-prima e aos espaços tradicionais de exposição e comercialização de artesanato da cidade. Nesses momentos os indígenas externam as suas reivindicações pela ampliação dos pontos de venda de artesanato e apontam que o número de núcleos familiares aumentou, sendo necessário expandir suas bancas, o que resulta em problemas com os outros feirantes.

Tais conflitos fazem refletir sobre os modos de praticar o espaço, os quais, muitas vezes, são hostilizados pela sociedade regional, que por não conhecer a formação da ancestralidade e não reconhecer as intimações da sociedade ocidental sobre espaços de vida tradicional desconhece como os conterrâneos Kaingang atualizam seus modos de vida e como procuram empreender o diálogo com a sociedade que lhes engloba e por eles é englobada.

Narrativas comunicacionais e suas configurações identitárias

As narrativas comunicacionais trazem as marcas de relações que estabelecem com a cidade, como intercâmbio, conflitos ou criação de lugares, em um contexto histórico onde os deslocamentos dos interlocutores se produzem na medida em que os territórios, na acepção ameríndia, foram ficando cada vez mais diminutos. O lugar, dessa forma está fundado em matrizes de longa duração, mas também é configurado por pressões contemporâneas, que lhe constitui como espaço atravessado por múltiplas temporalidades.

Essas relações também marcam as narrativas no que elas remetem aosvínculos com os meios de comunicação, quando estes comparecem espessando a experiência cultural, nos moldes de expansão dos bens de consumo no mundo popular. Sem que ocorram mudanças estruturais nos padrões materiais de vida, integram o espaço tempo de diferentes culturas, ampliando os públicos de

telejornais, telenovelas e outros produtos midiáticos que passam a fazer parte do cotidiano de pessoas em diferentes grupos sociais.

Nesse contexto, a televisão, para a maioria dos entrevistados, especialmente os que se encontram numa faixa etária de quarenta anos, remonta as paisagens da memória familiar, vinculada às lentas transformações oriundas da urbanização e seus efeitosmediados por forças culturais que permitem a reelaboração das práticas de permanecer juntos.

> Eu comecei a assistir televisão quando começou a surgir a televisão preto e branca, ainda, lá em Nonoai, aquela época eu tinha dezesseis anos. Tem um professor nosso lá que comprou uma televisão à bateria, que não existia energia, né? Bah! De noite enchia [ênfase] de criançada lá na casa dele pra assistir. A gente achava a coisa muito importante [ênfase]. Pra nós era novidade uma pessoa ter televisão (ANTONIO DOS SANTOS, 2008).

As lembranças sobre a "chegada" da televisão no meio rural integram um conjunto de registros das culturas tradicionais, antigas, nas transformações da vida moderna, nas suas estruturações como públicos e na construção de um *sensorium* antes matizado pelas narrativas do rádio e matricialmente marcado pela oralidade. No seu intertexto, os públicos evidenciam a dialogicidade das matrizes culturais na configuração dos jeitos de se fazer receptor.

> Eu não me lembro, mas foi na época que foram feitas as primeiras televisões, aquelas preto e branco, lá fora, os próprios colonos tinham, nossos vizinhos, mas daquele tipo, né? Daí (...) ali que a gente começou a ver as coisas, mas no começo era no rádio, os

> noticiário tudo nos rádios, (...) até FM não existia naquela época nos rádios. Acho que era ondas médias, curtas, e daí quando surgiu essa televisão a gente começou a ver, a enxergar o que tá acontecendo (FRANCISCO DOS SANTOS, 2007).

Dessa forma, matrizes culturais como os gêneros tornam-se uma das principais mediações da gramática da recepção, configurando uma forma nativa de leitura, pluralizada pelas temporalidades do sujeito. As matrizes/mediações comparecem estruturando os *habitus*, como modos de assistir, selecionar, classificar e entender os produtos culturais consumidos e também demarcam competências do sujeito situado por mediações tais como a etnia, itinerância, a organização política, a memória, a geração.

A rede de mediações/matrizes que configura as narrativaspossibilita, assim, compreender como os interlocutores/receptores Kaingang, em suas diversas temporalidades, percebem as mídias como espaço de trânsito para fortalecer demandas próprias e a comunicação como processo de reconhecimento no bojo de uma sociedade multicultural e desigual[13].

> Às vezes a gente vê no noticiário (...) às vezes passam coisas reais e às vezes os próprios que filmam fazem ao contrário (...) *aqui* aconteceu pra nós (...) no primeiro dia (...) quando nós fomos despachados de dentro do morro pra cá eu chamei repórter (...) teve repórter que contou, mostrou, mas teve outros que fizeram mostrando outras páginas. Então o trabalho que a gente vê na televisão, quando a gente

[13]A perspectiva epistemológica de tradução diz respeito a tornar inteligível a desigualdade e a exclusão como duas dimensões da dominação, vivida e pensada, identificando e compreendendo as misturas das lutas particulares contra-hegemônicas, na imbricação de políticas de reconhecimento e de redistribuição (Santos, 2006).

> vê um irmão nosso lutando, sofrendo, que eu vi lá num resgate lá em Mato Grosso, a gente fica triste. A gente gosta de ver também, ser mostrado que é real para o cidadão, mostrar pro governo, no rádio também (...) (Francisco Rokàg dos Santos, 2007)

As narrativas também remetem a relações entre mídia e comunidades indígenas, sendo possível pensar a midiatização como um fenômeno mais amplo, uma construção não dada apenas desde fora, e muito menos com preponderância da televisão, mas também desde dentro das transformações culturais localizadas e entrecruzadas com a intervenção dos meios na configuração das práticas sociais.
Nessa senda, pode-se indagar como os lugares indígenas, tais como uma aldeia localizada em uma cidade com mais de um milhão e meio de habitantes, tornam-se objeto de notícia e como esta construção é apropriada pelos indígenas. Oriunda dos fluxos que caracterizam os deslocamentos kaingang, e fortalecedora da rede social étnica, a Aldeia é considerada terra ancestral pelos seus moradores, ou seja, está fundada no "caminho dos antigos", argumento que organiza as narrativas dos interlocutores:

> Os velhinhos (...) vinham de Nonoai (...) falar com os governadores aqui em Porto Alegre (...) buscar recurso para a comunidade deles. (...) eles vinham a pé, (...) a nossa vinda aqui pro Morro do Osso foi intermédio dos nossos velhinhos que contavam as notícias pra nós. Que *goj-kafã-tü,*[rio grande, O Guaíba] que era do lado de cá. Eles diziam que tinha uma área pro lado de lá do *goj-kafã-tü,*, que quer dizer um rio sem fim, muito grande. Isso ta na internet isso aí. E pro lado de lá eles diziam pra nóis que tinha uma área Ran Kri Kuka (...). E daí o branco disseram que era Morro do

> Osso, (...) Da onde eles vinha e ficavam ali vinham ali pra buscar recursos com os governadores, nas reunião... ali onde tem o pé de Deus (...) Uma pedra muito grande, eles ficavam por ali. (Valdomiro Xe Vergueiro, 2009).

Como se pode observar, neste relato, a aldeia se configura em acontecimento que está ancorado nos empenhos da memória grupal para criar atualizações no presente, quando as "notícias" de ontem (dos velhinhos) são mediadas pelas matrizes que dão existência ao *goj-kafã-tü* como patrimônio cultural e também são mediadas pelos meios de comunicação.

Desse modo, os meios de comunicação também podem ser entendidos como território de hegemonia, mediante a produção e legitimação dos sentidos que circulam na sociedade, um ambiente pelo qual se transita, mas que é desigual e excludente. "A gente gosta de ver e ser mostrado o que a gente passa, o que a gente sente", mas nem sempre se tem acesso para "mostrar o trabalho da gente, o jeito que a gente vive", explicitam os interlocutores lembrando-se das poucas vezes em que a comunidade teve acesso aos meios locais, sendo alguns através de ordens judiciais.

Nesses processos em que o acesso aos meios constrói a visibilidade, atualiza estereotipias e é permeado por conflitos, o Kaingang estabelece novas formas de contato, novas formas de negociar os seus territórios de sobrevivência e de existência. Para isso, utiliza-se de técnicas de outros tempos, selecionando as cores da guerra, manejadas na corporeidade, como recursos expressivos nos embates de hoje, em que o espaço comunicativo se torna lugar para elaborar sentidos das identidades cidadãs.

Considerações finais

No espaço deste trabalho procuramos demonstrar aspectos de uma construção metodológica inspirada e formulada pela confluência dos recursos da história oral na pesquisa de recepção. Essa construção é oriunda de um contexto de pesquisa em que o diálogo é ao mesmo tempo um pressuposto epistemológico e um procedimento de aproximação necessário à coleta de relatos que constituem as biografias comunicacionais dos sujeitos. Importante assinalar que essa aproximação também é marcada por encontros e desencontros, os quais ajudam a definir o diálogo como intersubjetividade construída e também demarcam a especificidade da recepção num contexto de mobilidades humanas diferenciadas.

Assim, trabalhar biografias comunicacionais significa ativar memórias mediadas pelo presente e passado, pelos tempos longos e curtos, lentos e velozes. Essa atividade, que se pensacompartilhada, dá origem a narrativas, para as quais, a perspectiva da recepção é fundamental para refletir a cultura midiática nas vivências e estratégias dos grupos étnicos, problematizando os cruzamentos entre cultura global e cultura local, urbana, comunitária e ancestral. Além disso, para problematizar as reelaborações das identidades culturais como identidades cidadãs, compreendendo os lugares de memória não restritos aos espaços físicos, mas a um conjunto de elementos que mediam a sua construção, como sentimento e ação, como pertencimento e projeto e as suas imbricações com os processos de midiatização.

Dessa forma, a construção metodológica aqui apresentada pode ser vista como uma necessidade e uma opção em um contexto de pesquisa, mas também uma possibilidade de artesania - resultante de sua temporalidade - em contínua lapidação e que ainda procuramos aprofundar em investigações atuais, para

compreender em outros cenários a historicidade dos públicos, sua emergência, consolidação e suas transformações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Barth, F. (1998). Grupos étnicos e suas fronteiras. In: Poutignat, P.; Streiff-Fenart, J. *Teorias da etnicidade*: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Frederik Barth. São Paulo: Fundação Editora da Unesp.

Bonin, J. A. (2008). A dimensão metodológica na pesquisa comunicacional e os desafios da observação em perspectiva histórica. In: Bonin, J. A.et al. (org.) *Perspectivas metodológicas em comunicação:*desafios na prática investigativa. João Pessoa, Brasil: Editora Universitária da UFPB.

Bourdieu, P.(2004). *O poder simbólico*. (2ª ed.) Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Brand, A. (2000). História oral: perspectivas, questionamentos e sua aplicabilidade em culturas orais. *História Unisinos*, São Leopoldo, *4* (2), pp.195-227.

Castells, M. (2002). *O poder da identidade*: A era da informação: economia, sociedade e cultura. *vol. 2*. São Paulo: Paz e Terra.

Certeau, M. (2004). Artes do fazer. 1. In: *A invenção do cotidiano*. (6ª ed.) Petrópolis: Vozes.

Ferreira, M. M. (1994) História oral: um inventário das diferenças In: *Entrevistas:* abordagens e usos da história oral. Rio de Janeiro: FGV.

Freitas, A. E. C. (2006). Mrũr Jykre: A Cultura do Cipó – Territorialidades Kaingang na Bacia do Lago Guaíba, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. In: KUBO, Rumi Regina et al. (org.) *Atualidades em Etnobiologia e Etnoecologia*, vol.3, capítulo 17, Recife: NUPEEA/SBEEE.

Fuhr, G., Gerhardt, C., Kubo, R. R. (2013). Morro do Osso em disputa: os conflitos socioambientais e a contemporânea sobreposição de um Parque Natural Municipal e a Aldeia Kaingang Tupë pën. In Rosado, R. M.; Fagundes, L F. C. (org.) *Presença indígena na cidade: Thuiawuré ymã mág tetã.* Porto Alegre: NPPPI/SMDH, Gráfica Hartmann.

García-Canclini, N. (1998). *Culturas híbridas:* estratégias para entrar e sair da modernidade. (2ª ed.) São Paulo: Edusp.

Gatica, M. (2012). *Desigualdades e diferenças: história oral e movimentos sociais.* In: Laverd, R. et al. (org.) História oral, desigualdades e diferenças.

Geertz, C. (1978). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar.

Ianni, O. (2003). *Enigmas da modernidade mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE. (2012) *Censo Demográfico 2010 – Características erais dos indígenas*: resultados do Universo. Rio de Janeiro.

Maldonado, A.E. (2000). *Explorar a recepção sem dogmas, em multiperspectivas e com sistematicidade* GT – Mídias e recepção. IX Encontro Anual da COMPÓS, PUC-RS.

Martín-Barbero, J. (2003). *Dos meios às mediações:*comunicação, cultura e hegemonia. (2ª ed.) Rio de Janeiro: UFRJ.

Mata, M. C. (1999). De la cultura massiva a la cultura mediática. In: *Diálogos de la Comunicación*, Lima n. 50.

Mattelart, A.; Neveu, É. (2006). *Introdução aos estudos culturais*. (2ª ed.) São Paulo: Parábola Editorial.

Montenegro, A. T. (1992). *História oral e memória:* a cultura popular revisitada. São Paulo: Contexto.

Pereira, C. R. A. (2010). *Processos Comunicacionais Kaingang: configurações e sentidos da identidade cultural, memória e mídia em perspectiva histórica*. Tese de Doutorado. São Leopoldo, Brasil: Unisinos, 274 f.

Pollack, M. (1992). Memória e identidade social. *Estudos Históricos, 5* (10), p. 200-12. Rio de Janeiro.

Ronsini, V. V. M. (2000). *Entre a capela e a caixa de abelhas*: identidade cultural de gringos e gaúchos. Tese de Doutorado. São Paulo: USP. 223 f.

Santos, B. S. (2006). Nuestra América: reinventar um paradigma subalterno de reconhecimento e redistribuição Cp. 6. In: *A gramática do tempo/para uma nova cultura política*. *Vol. 4.* Porto: Afrontamento.

Santos, M. (2004). *A natureza do espaço:* técnica e tempo, razão e emoção. (4ª ed.) São Paulo: Edusp.

Silva, S. B. (coord); Tempass, Mártin César; Pradella, Luiz Gustavo Souza et al. (2008). *Estudo quantitativo e qualitativo dos coletivos indígenas em porto alegre e regiões limítrofes.* Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Relatório Final. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Laboratório de Observação Social – LABORS. Núcleo de Antropologia das Sociedades

Indígenas e Tradicionais – NIT. CONTRATO 026/2007 – UFRGS – FASC. Porto Alegre.

Thompson, P.(1992). *A voz do passado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Williams, R. (1979). *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar.